

Amor sob encomenda



VERUS
EDITORA

CARINA RISSI

Editora executiva

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Imagens da capa

© Shutterstock

Personagem: Irina Alexandrovna

Roas: Fedorov Ivan Sergeevich

Celular: Guteksk7

Diagramação da versão impressa

Juliana Brandt

ISBN: 978-85-7686-799-9

Copyright © Verus Editora, 2019

Direitos mundiais em língua portuguesa reservados por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II,
Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

R483a

Rissi, Carina

Amor sob encomenda [recurso eletrônico] / Carina Rissi. – 1. ed. – Campinas [SP] : Verus, 2019.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-799-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

19-60058

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Sumário

[1](#)

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1

Se minha vida fosse um conto de fadas, eu nunca seria a Cinderela. Dependendo do dia, eu poderia ser a fada madrinha com uma agenda bastante apertada. Em outros, um dos ratos responsáveis por levar a princesa ao baile. Na manhã daquela quarta-feira, eu era o dragão furioso cuspidor de fogo do alto do meu colchão, e nem era por culpa da briga que se desenrolava no quarto ao lado.

— Como assim roubaram o caminhão do bufê, Tália? — perguntei ao telefone para minha chef favorita, tentando ignorar a gritaria de Fabiola e o namorado.

— ... pensa que eu sou seu brinquedinho, Alan? — A voz abafada da minha melhor amiga passou por debaixo da porta.

— Isso de novo não! — devolveu ele.

Esfreguei a testa, mirando as prateleiras de livros ao lado da janela. Alguns raios de sol perpassavam a cortina cinza, incidindo diretamente no puxador da primeira gaveta da cômoda de laca branca, indicando que eu deveria ter saído da cama fazia algum tempo.

— Levaram tudo, Melissa — me contou Tália, do outro lado da linha. — Os utensílios de cozinha, os mantimentos,

o celular do motorista e até os óculos do coitado. Vou dar um jeito para a formatura desta noite, mas não posso prometer que não vai haver atrasos.

Eu odiava a palavra “atraso” tanto quanto a irmã dela: “improviso”. Nada de bom saía de nenhuma das duas. Por culpa dessas palavras, o meu cronograma caía feito um daqueles caracóis de dominó.

Como tudo podia dar tão errado se eu ainda nem tinha escovado os dentes?

Caramba, eu planejava aquela festa por seis meses! Era minha função fazer tudo funcionar feito as engrenagens muito bem lubrificadas de um relógio suíço. Por mais louco que fosse o pedido do contratante, eu o realizava.

Uma formatura com o cenário tão realista que faria os convidados se sentirem em Paris? É claro que eu podia fazer.

Uma festa corporativa com o tema Las Vegas? Bastava me dar uma data!

Um casamento nos moldes de um dos romances de Jane Austen? Ah, por favor!

As pessoas tinham um sonho. Eu era paga para transformá-lo em festas inesquecíveis. Entretanto, para que isso acontecesse, os fornecedores não podiam ter seus caminhões furtados.

Fechei os olhos, massageando as têmporas. Se a comida não estivesse no salão até a hora do almoço, eu teria que executar o plano B: acionar o bufê que forneceria a comida para a convenção de um partido político no dia seguinte, uma alternativa ruim em vários níveis, pois o cardápio não era o mesmo, além de gerar um efeito cascata caso não

houvesse tempo para repor o estoque. Expliquei tudo isso a Tália, que prometeu dar o seu melhor para produzir o jantar daquela noite, nem que tivesse que pedir panelas emprestadas. Tudo bem, Tália era competente. Trabalhávamos juntas havia cinco anos. Ela não ia me deixar na mão agora, certo?

Encerrando a chamada, joguei os lençóis para o lado e esperei que Fabiola e Alan terminassem a briga — algo relacionado a uma garota do escritório de marcas e patentes onde ele trabalhava ter mandado uma mensagem suspeita.

Meu gato balofo pulou para o chão, se espreguiçando, sinuoso, antes de começar a arranhar a porta em seu desespero para fazer uma visita à caixa de areia. Eu também estava apertada, mas tivemos que esperar dez minutos até a porta da frente e a do cômodo ao lado do meu baterem com tanta violência que um dos livros na prateleira sobre minha cama tombou. Eu o endireitei antes de colocar meia cabeça para fora entre a porta e o batente. Loki correu para a lavanderia, e eu para o quarto da minha melhor amiga.

— Fabi. — Bati de leve.

— Preciso de um minuto, Mel.

Eu pretendia insistir, mas realmente precisava ir ao banheiro, de modo que fui para o pequeno cômodo no final do corredor, tropeçando em alguma coisa no caminho — os sapatos de Fabi, constatei.

Nós dividíamos o apê havia três anos, mas eu ainda não compreendia a capacidade de Fabi de bagunçar a casa com tanta rapidez. Era quase uma intervenção cósmica conseguir driblar as inúmeras tralhas largadas pelo caminho e encontrar a porta da sala todas as manhãs. Sempre que eu

mencionava o assunto, Fabiola ficava na defensiva e atirava na minha cara coisas aleatórias e muito injustas, como o fato de eu só ter um emprego graças a ela. Era só *parcialmente* verdade. Fabi me alertara sobre a vaga de assistente de produção na Allure, cinco anos antes. Entretanto, sobreviver à entrevista de emprego e convencer Sônia Ribeiro — também conhecida como minha chefe ou *a razão dos meus pesadelos* — de que eu era digna de sua agência foi (e ainda era) uma luta vencida à base de muito suor frio.

Preocupada com minha amiga e o sumiço do caminhão, não me demorei no chuveiro. Limpa, ergui os fios loiros ainda úmidos em um rabo de cavalo alto e apliquei uma quantidade de fixador potencialmente prejudicial à camada de ozônio na tentativa de manter meu penteado apresentável até o fim do evento daquela noite. Também fiz uma maquiagem básica, dando um trato especial aos cílios, na esperança de que fios mais escuros desviassem a atenção das meias-luas arroxeadas sob meus olhos castanhos. Ao terminar, encarei meu reflexo e gemi. A palidez ressaltava as sardas que se espalhavam pelo rosto, braço e outras partes que nunca viam a luz do dia, e nem o batom vermelho conseguiu mascarar a exaustão evidente. Até minhas sobancelhas pareciam cansadas.

Eu guardava a maquiagem de volta na *nécessaire* — Loki tinha uma atração inexplicável pelos meus produtos de beleza, sobretudo os que ficavam na beirada da bancada — quando o telefone estremeceu sobre o granito. Relanceei a foto do belo homem de cabelo cor de areia encaracolado e

sorriso de comercial de consultório odontológico e sorri de volta, abrindo a mensagem.

Podemos nos encontrar esta noite?

Seria um sonho, Fred. Mas não vai dar.

Estou toda enrolada hoje. Tudo o que podia dar errado está dando.

Eu preciso mesmo falar com você, Melissa. Não tem problema se a gente se vir tarde da noite.

O tom urgente na curta mensagem do meu namorado acendeu uma luz vermelha em minha mente. Achei melhor especular.

Aconteceu alguma coisa?

Nada que eu possa dizer pelo telefone. Vou te esperar em casa.

Até mais tarde.

Humm... Fred não era dado a mistérios. Nem a espontaneidade. Ou a coisas banais tipo passar a noite largado no sofá vendo um seriado, ir ao cinema ou sair de casa de modo geral. Meu namorado tinha o próprio escritório financeiro, a Lanza Consultoria. Graças ao sorriso carismático e à maneira simples de explicar economia para leigos, ele agora integrava o elenco do *Jornal da Manhã*, onde todo dia às sete e meia dava dicas de investimentos para pessoas que não manjavam nada do assunto. Mas a fama repentina cobrava um preço, e, discreto como era, Fred preferia não expor sua vida privada (no caso, a mim), de modo que raramente deixávamos seu apartamento. Talvez o que ele pretendia dividir comigo com tanta urgência fosse relacionado ao trabalho. Fazia algum tempo que ele e a emissora discutiam a possibilidade de um programa sobre finanças apresentado apenas por Fred nas manhãs de domingo.

Eu ainda pensava nisso ao sair do banheiro e praticamente trombar em Fabiola, perdida dentro do imenso roupão preto, parecendo ainda menor que seu um metro e sessenta, os cachos escuros embolados em um coque displicente, como se Loki tivesse brincado ali nas últimas duas horas, os olhos inchados e vermelhos.

Argh! Eu devia ter dado um fim nele fazia tempo. No roupão, quero dizer, embora fazer desaparecer o cretino que uma vez por semana brincava de arremessar o coração da minha amiga contra a parede fosse uma fantasia que eu acalentava em um cantinho especial do coração, junto ao sonho de um parente muito rico aparecer diante da minha porta dizendo que eu era sua única herdeira.

— Você está bem? — perguntei, preocupada.

— Sei lá. — Ela deu de ombros, se arrastando para a cozinha. — Tô com tanta raiva que não sei direito.

Fui atrás dela, quase tropeçando em Loki, parado ao lado de sua tigela, miando ansioso pelo café da manhã. Abri o armário sobre a pia e apanhei o saco de ração ao mesmo tempo que Fabiola se colava à pia para preparar a cafeteira. O perfume de café preencheu a pequena cozinha azulejada.

— O que aconteceu dessa vez? — eu quis saber, derramando os grãos coloridos na tigela de Loki.

— Uma colega do escritório mandou mensagem para ele agora há pouco. Eu perguntei se estava tudo bem, porque ainda era muito cedo, aí ele surtou e me acusou de controlá-lo e blá-blá-blá... A gente terminou só porque eu queria saber se ele estava com problemas no emprego! — Fechou a tampa da cafeteira com mais força do que deveria. — Qual é o meu problema, Mel? Por que só me envolvo com idiotas?

Honestamente, eu também não entendo, pensei, me abaixando para servir o café da manhã para o meu gato, que atacou a comida sem hesitar. Fabiola era uma mulher inteligente e linda, mas sempre se deixava cegar por idiotas feito o Alan. Eu desconfiava que o problema estivesse em seu coração; era do tamanho do mundo, e tinha um fraco por desajustados e por produtos da Guerlain. Fabiola nunca admitiria, mas eu sabia que, secretamente, ela tentava “restaurar” os homens com os quais se envolvia, de um jeito semelhante ao que fazia com as artes gráficas da Allure, e isso nunca dava certo porque a) ela só se

relacionava com paspalhos com problemas emocionais; e b) ninguém muda ninguém. As pessoas são como são até que elas mesmas decidam fazer algo diferente. A motivação — se acontece — parte do indivíduo, e não de algum sentimento de dever, amor ou qualquer baboseira do gênero. É meio parecido com o cabelo: você pode tentar alisar um cacho ou criar anéis em um liso absoluto, mas ao primeiro sinal de umidade ele vai assumir sua verdadeira natureza e te deixar descabelada, frustrada e com a sensação de que desperdiçou uma parte preciosa de sua vida tentando domá-lo.

Abri a boca para explicar tudo isso a ela pela centésima vez, mas desisti. Que sentido tinha? Abordar sua vida amorosa era idêntico a explicar para Loki por que ele não devia fazer sua sujeira fora da caixa de areia.

— Tente ver o lado positivo. — Voltei ao armário, apanhando um par de canecas, dois pratos e o pacote de pão, e os empilhei na mesa de fórmica branca, empurrando com o cotovelo a bolsa de Fabi. — Agora você está livre para encontrar o cara inteligente, carinhoso e com uma pegada incrível que está por aí, esperando o momento de te conhecer.

Brincando com a pontinha do cinto do roupão, ela arregalou os olhos.

— Quer saber? Tem toda a razão! — exclamou, subitamente animada. — Preciso parar de me envolver com os caras errados e encontrar logo o sr. Amor da Minha Vida. E até sei como!

Eu me perguntei se minha amiga tinha perdido a cabeça de vez, pois foi procurar o amor da sua vida dentro da

geladeira. Fabiola parecia meio fora de si ao atirar coisas aleatórias sobre a mesa e depois analisar o que havia pescado: uma maçã, o pote de mel e um pacotinho de cravo. Começou a se abaixar no banquinho, mas eu a segurei pelos ombros, impedindo que se sentasse.

— Fabi, desculpa. Eu sei que o momento é ruim, mas você precisa se arrumar ou vai se encrascar com a Sônia. Deixa que eu preparo o café da manhã.

Ela me encarou como se eu tivesse dito que fazia parte de uma seita secreta comedora de focas bebês. Mordi o lábio para não gemer. Honestamente, ela nunca ia esquecer o episódio do brigadeiro? A culpa foi da fiação antiga, não minha. Até os bombeiros concordaram comigo. Mais ou menos...

— Eu consigo picar uma fruta. — Revirei os olhos. — Vá se arrumar, ou vamos acabar desempregadas.

A contragosto, ela aquiesceu. No entanto, em vez de ir para o quarto, se esticou sobre a mesa para pegar sua bolsa, espremida entre a maçã e o pacote de pão. Rasgou uma página do bloco de notas e me entregou junto com um marca-texto rosa brilhante.

— Pique a maçã em quatro — instruiu, saindo da cozinha. — Depois espete os cravos na casca, tá?

Ok. Não parecia tão complicado, embora fosse esquisito. Mas, ei, o que eu sabia sobre culinária além de abrir embalagens e depois colocar o que quer que fosse no micro-ondas?

— Eu juro, Mel — ela gritou do quarto. — Dessa vez acabou mesmo. Não quero mais saber do Alan.

— Espero que você esteja falando sério dessa vez.

Ela apareceu no vão da porta, abotoando o sutiã preto, o vestido azul-marinho pendurado no ombro.

— Ah, mas eu estou! A partir de hoje eu só quero saber do cara certo. O *meu* cara. Espeta um pouco mais de cravo — ensinou, de olho na maçã. — Precisa parecer um ouriço.

— Se pelo menos essa bobagem de cara certo existisse... — resmunguei baixinho, tomando cuidado para as extremidades pontiagudas das florezinhas rígidas não perfurarem minha pele à medida que eu as cravava na fruta porosa.

Imaginei que Fabiola tivesse voltado para o quarto, mas, ao elevar os olhos, vi que ela estava imóvel sob o umbral da porta, ainda de calcinha e sutiã.

— Você sabe que a sua carreira estaria em risco se mais alguém te ouvisse dizendo isso por aí, né? — Ela me deu um olhar comprido. — Como pode não acreditar no amor verdadeiro? Justo você, Mel, cujo trabalho é *celebrar* o amor!

— E é justamente por causa do nosso trabalho que eu fico surpresa que você ainda acredite nessa bobagem de *para sempre*. Você sabe muito bem quantas festas de divórcio, com direito a bem-separado e tudo, fizemos no ano passado.

Impaciente, puxou a roupa do ombro e a sacudiu, atraindo a atenção de Loki, que se esticou sobre as patas traseiras, tentando pegá-la.

— Tá. Foram sete. — Abriu o zíper com um movimento rápido. — Mas e quanto aos trinta e seis casamentos que nós produzimos? Não contam?

— Em menos de cinco anos vamos ter trinta festas de divórcio, Fabi.

— Você não tem como saber!

Mas eu tinha, sim. E ela também. Estávamos naquele ramo fazia tempo demais para conhecer os números. O casamento, ao que parecia, expirava assim que as luzes da festa se apagavam.

— E quanto ao Fred? — Enfiou as pernas pela saia do vestido, se requebrando para subi-lo pelos quadris largos. — Ele não é o seu amor verdadeiro?

— Você sabe que eu não acredito nisso. A gente se entende. É o bastante.

Com a minha agenda, ter um namorado já era praticamente um milagre. A maioria dos homens não entendia que o fim de semana era a minha “semana útil”, período em que a maioria das festas acontece. Por sorte, Fred era tão ocupado aos sábados e domingos quanto eu, perdido em infinitas reuniões de planejamento do quadro diário do *Jornal da Manhã*, ou com seus clientes na Lanza Consultoria. Então, nosso relacionamento ia muito bem, obrigado, fazia um ano.

Para mim também era difícil acreditar que estivesse durando tanto. Nós nos conhecemos em uma livraria no início do ano anterior, ambos interessados em um mesmo livro. O debate sobre a trama levou a um café, depois a um almoço, um jantar, uma noite de sexo, e estávamos namorando sem que eu percebesse como aconteceu. É claro que eu amava Fred, mas essa história de amor verdadeiro... revirar o estômago, a cabeça, pupilas dilatadas e pulsação errática são coisas que só se encontram nas prateleiras das livrarias ou nos casos de coma alcoólico. Afinidade, respeito, carinho, era nisso que eu acreditava.

Um *zuuuup* chiou na sala no momento exato em que espetei o último cravo na fruta. Loki subira no banquinho e espiava o resultado do meu esforço culinário, um pouco intrigado com o aspecto ouriçado. É, eu também não tinha entendido. Será que Fabiola pretendia cozinhar aquela maçã?

— O que eu faço agora? — Ergui o rosto.

Minha amiga, já vestida, continuava parada na entrada da cozinha, a expressão semelhante à de Sônia depois de uma das suas adoradas sessões de Botox. O único sinal de mobilidade eram os olhos, apenas duas fendas estreitas.

— Pode fazer uma anotação pra mim enquanto arrumo o cabelo? — Ela me deu as costas. — Naquele papel que eu te dei!

Apoiei o quadradinho na mesa, anotando a palavra que Fabiola gritou do banheiro.

— Beleza, “amor”. O que mais?

— Só isso! — Ela voltou para a cozinha, pulando em uma perna para calçar o sapato. Tombou sobre o banquinho cromado, assustando Loki. — Agora dobre algumas vezes e coloque dentro da maçã. Aí derrame o mel por cima de tudo.

Parei de dobrar o papelzinho e a contemplei, em absoluto horror.

— Diz que tá brincando comigo — supliquei, exasperada. — Diz que isso não é um feitiço.

— Uma simpatia — corrigiu, com um sorriso selvagem. — No fim das contas, acho que, de nós duas, você é quem precisa mais. “Se entender” não é o bastante, Mel. Não passa nem perto.

Dei um pulo, me afastando da mesa até esmagar o quadril contra a pia.

— Fabiola! Não acredito que você me fez perder tempo com essa bobagem! Nós precisamos estar na Allure daqui a trinta minutos! O caminhão do bufê foi roubado, nós temos um milhão de coisas pra resolver! E eu já *tenho* um namorado. — Bati as mãos na pia. As pulseiras de pedras arredondadas em meu pulso estalaram contra o granito, se enterrando em minha pele.

Ignorando a dor, eu trouxe o braço para perto do rosto, preocupada que alguma conta tivesse se partido. Eu amava aquele trio de pulseiras. Não era porque a combinação de houlita branca, turquesa e lápis-lazúli funcionava bem demais em quase todos os looks, nem porque eram minhas únicas joias de valor. As pulseiras foram o último presente de aniversário que ganhei da minha mãe, três anos antes.

— Só por garantia... — Fabiola deu um muxoxo e indicou o prato com o nariz. — ... acho melhor terminar. Nunca se sabe o que pode acontecer se você deixar uma simpatia inacabada. Vai que rola uma maldição ou coisa assim. Ou você tem medo de descobrir que o homem da sua vida não é o Fred?

— Não é medo, Fabi. Só não quero fazer papel de idiota. Como você pode acreditar que uma maçã vai resolver a vida amorosa de alguém?

Um princípio de sorriso dançou em seus lábios.

— Se não vai funcionar, não precisa ter medo de finalizar a simpatia.

Argh! Que saco! Se eu não concluísse a porcaria, ela nunca ia me deixar sair daquele apartamento. Impaciente,

joguei o papel dobrado no prato de qualquer jeito e verti o mel por cima.

— Pronto. Satisfeita? — Olhei feio para ela.

— Quase. — Bateu palmas, entusiasmada. — Agora você precisa recitar: “Traga o amor para mim”. Tem que dizer três vezes. E ser convincente, tem que vir do fundo da alma. Vai, Mel, você já fez quase tudo. Me deixa feliz! Não esquece que eu acabei de terminar com o Alan e estou *supertriste*. — O lábio inferior tremulou.

Esfreguei a testa, me perguntando se toda garota tinha vontade de esganar a melhor amiga pelo menos uma vez por dia. E acabei cedendo. Era mais rápido que tentar trazê-la à razão.

— Traga o amor para mim. — Fechei os olhos com força. — Traga o amor para mim. Traga o amor para mim.

Eu estava pronta para chutar Fabiola porta afora se fosse preciso, mas paralisei ao sentir o aroma de cravo, maçã e mel espiralar sua doçura pelo ar e me envolver em um casulo. Lampejos sem sentido de estrelas se derramando por um chão vermelho dançaram atrás de minhas pálpebras. Assustada, abri os olhos, e a imagem se dissipou feito fumaça.

Satisfeita com a conclusão, Fabiola apanhou o prato e o colocou sobre a geladeira — a única mobília que Loki não conseguia escalar —, ao mesmo tempo que eu corri para a sala a fim de apanhar a bolsa, jogada sobre o sofá listrado de azul e branco.

Eu estava com tanta pressa ao empurrar Fabiola para fora e passar a chave na porta que não percebi que alguém descia as escadas. Por pouco o vizinho do 332 não

atropelou minha amiga. Uma experiência nem um pouco ruim, a julgar pela expressão abobalhada que coloriu o rosto dela de vermelho.

— Opa! — ele exclamou.

A caixa de papelão que Dante carregava se precipitou em direção ao chão. Em seu afobamento para salvá-la, por acidente, esbarrou a mão no joelho de Fabiola. Posso ter imaginado coisas, mas eu conseguiria jurar ter ouvido minha amiga miar. Não que eu não a compreendesse. Dante Montini, o dono e redator-chefe da revista *Tempo*, fazia um estilo nerd irresistível demais para alguém suportar.

— Desculpa. — Apoiou a caixa na cintura para empurrar os óculos pretos pelo nariz, sorrindo meio sem jeito. — Não vi vocês a tempo. A caixa...

— Dante, é pra levar o Lego também? — A morena de cachos espetaculares e uma barriga redonda e pontuda surgiu no alto da escada com mais uma caixa.

Dante empalideceu.

— Luna, pelo amor de Deus! — Em dois largos saltos ele a alcançou, aliviando os braços dela ao equilibrar a segunda caixa sobre a que já transportava. — Eu falei que eu carrego tudo. Não quero que você se esforce.

— Eu não estou inválida, Dante — ela objetou, achando graça. — Só grávida.

— Por isso mesmo. — Ele ergueu uma das coxas para equilibrar melhor a carga. — Me deixa fazer alguma coisa enquanto você tem todo o trabalho pesado de gerar o nosso bebê. — Ele beijou o nariz da namorada. Noiva. Esposa...

Ah, eu não sabia direito o que rolava entre eles, só que era bastante sério.

Dante passou por mim e Fabiola, antes que Luna pudesse reclamar — o que ela visivelmente estava prestes a fazer.

Sorri para ela.

— Dia de faxina? — perguntei.

— Mudança — explicou. — Nós conseguimos um apartamento perto da *Tempo*, bem espaçoso e com dois elevadores. — Acariciou o alto da barriga. — As escadas têm se tornado um verdadeiro desafio a cada dia. Eu não consigo mais enxergar os meus pés. É meio parecido com quando eu visitava minha avó, antes de engravidar. Ela nunca me deixa sair da casa dela sem antes me empanturrar com tudo o que tem na despensa, não importa se eu já comi alguma coisa. Ela finge não ouvir. — Revirou os olhos, me fazendo rir.

— Boa sorte na casa nova — acenei.

Ela devolveu o cumprimento, suspendendo um dos lados do vestido, e voltou para o terceiro andar com alguma dificuldade. A gravidez deixara Luna ainda mais reluzente, e ela continuava sendo uma das mulheres mais lindas que eu já vira. Não sabia muito sobre ela — a moça parecia tão ocupada com sua carreira quanto eu —, mas fiquei triste ao saber que se mudaria. Eu gostava de vê-la pelo prédio. Luna parecia carregar uma energia boa por onde passava.

Fabi também sentiu a novidade, mas por um motivo completamente diferente.

— Não acredito que eles vão se mudar. Vou sentir saudade de olhar para o Dante — ela cochichou, enlaçando

o braço ao meu para descermos as escadas juntas. — Foi a avó da Luna que me ensinou a simpatia, sabia? Nós ficamos de papo na entrada outro dia. A avó dela é cigana de verdade. Conhece feitiços que realmente funcionam.

— E é claro que você acredita nisso. — Não era nenhuma surpresa. Fabiola também achava que biscoitos da sorte eram grandes pensadores.

— Mas é óbvio que eu acredito. Você já viu o namorado da neta dela? Se um cara desses piscasse pra mim, eu sairia correndo na mesma hora pra comprar o vestido de noiva. — Ela cutucou minha cintura com o cotovelo ao passarmos pelas portas de vidro duplas na entrada do prédio. — Você um dia vai me agradecer por eu ter escutado a cigana Safira.

— É melhor não colocar dinheiro nisso.

Chegamos à calçada e a brisa morna agitou meu rabo de cavalo, o sol já refletindo nas janelas dos prédios baixos, anunciando que teríamos um dia quente — e nem estávamos no verão ainda. A dona da sorveteria acenou ao nos ver, suspendendo as portas do comércio. O mesmo aconteceu quando passamos em frente à farmácia. Era uma das coisas que eu mais amava naquele bairro: um pedacinho do sossego de uma cidadezinha bem no meio da metrópole. Além de, é claro, nosso apartamento estar convenientemente localizado a somente duas quadras da Allure, de modo que em apenas oito minutos nós passávamos pela entrada do edifício cinzento de dez andares, esfregando os crachás nos leitores. Minhas sapatilhas guincharam contra o piso de granito branco e preto conforme eu me apressava em direção aos elevadores. Dênis já estava por lá.

— Bom dia — saudei, pressionando o botão (já aceso) para chamar o elevador. — Como foi o jantar com o Felipe?

— Não foi. Ele ficou preso no plantão. — Fez uma careta, ajeitando a alça da mochila no ombro.

— De novo? Que saco, Dênis. Sinto muito. — Apertei o círculo luminoso novamente. — Mais alguém já chegou? A Sônia?

— Não que eu tenha visto.

Sem tanta pressa, Fabiola parou atrás de mim, dando uma conferida nas notificações do Facebook.

— Tá vendo? — Ela fez um biquinho. — Eu falei que não precisava dessa correria toda.

Os olhos cinzentos de Dênis ficaram ainda mais translúcidos ao me ver esmagar novamente o botão com o punho fechado.

— Você sabe que não vai fazer o elevador chegar mais depressa na base da pancada, né? — Ele riu e eu quis socá-lo.

Pouca coisa abalava Dênis. Eu o conhecera no ano anterior, em uma das minhas raras saídas. Na época, ele trabalhava em uma joalheria e tínhamos uma amiga em comum. Sua beleza me atordoara logo de cara. Muito alto, de porte atlético, olhos cinzentos em contraste com o tom quente de sua pele negra, aliados a um sorriso meio atrevido — a combinação era quase hipnótica. Além disso, era gentil, educado e bem-humorado, via o lado bom de tudo, uma das coisas que eu mais amava nele. E das mais irritantes também, como naquele instante.

Miraculosamente, as portas se abriram e eu empurrei os dois para dentro. Nós nos esprememos mais no fundo para

dar espaço ao pessoal da construtora no quarto andar. Mal as portas se fecharam, me estiquei para alcançar o painel, pressionando o número 7 repetidamente.

— Por favor, para de rir, Dênis — supliquei. — Você também estaria morrendo de pressa se soubesse o que aconteceu.

Sua postura mudou, a diversão abrindo espaço para o assombramento.

— Sério? Ele já fez o pedido? — Sem cerimônia, pegou minha mão direita e a virou, correndo o polegar pelo meu anular. Franziu a testa. — Uééé...

— Ué o quê? Que pedido? — Eu me ouvi indagar, embora meu sexto sentido me alertasse que talvez fosse melhor não saber.

— É, que pedido? — Fabiola abaixou o celular, interessada.

O pessoal da construtora desceu. Assim que ficamos sozinhos e o elevador tornou a subir, Dênis deixou escapar um suspiro resignado.

— Desculpa, Mel. — Pressionou os lábios fartos até se tornarem uma pálida linha fina. — Eu não queria estragar a surpresa.

— Que surpresa? — Por que eu continuava fazendo perguntas?

O elevador estacou no sétimo andar. Não que eu tivesse ouvido o sinal sonoro; meu coração zumbia com violência nas orelhas. Imagino que Dênis tenha percebido, pois espalmou minha coluna, me escoltando para fora da caixa metálica. Andei apenas dois metros, empacando diante da fachada envidraçada da Allure, aguardando a resposta dele.

Visivelmente chateado, ele empurrou a mochila para o lado, trocando o peso de uma perna para a outra.

— Eu encontrei a Lolô hoje, no ônibus. Ela me atualizou sobre o que anda acontecendo no mundo dos diamantes. Estava empolgada porque ontem atendeu um cara da TV na joalheria.

— Jura? — Minha amiga se animou. — Quem?

Por favor, não diga Fred. Por favor, qualquer nome menos Fred.

— O Fred Lanza comprou um anel de diamantes — sentenciou, um sorriso lindo se desenhando em seus lábios. — Três majestosos quilates engastados em um belíssimo aro de platina.

Com a mesma expressão que exibiria se alguém a convidasse para morar em uma das lojas da Sephora, Fabiola me segurou pelos ombros. Não gostei da insinuação por trás daquele sorriso. Não gostei nem um pouquinho.

— Ah, meu Deus, Mel! — exclamou, eufórica. — O Fred vai te pedir em casamento!

Era a conclusão a que eu também chegava.

Ah, merda...

2

— O Fred vai te pedir em casamento! — repetiu Fabiola na entrada da agência, a ponto de desmaiar.

Eu também estava, mas por motivos totalmente diferentes.

— Não vai, não! — retruquei de imediato, me livrando das mãos da minha amiga para buscar ajuda no olhar de Dênis. Tudo o que recebi dele foi um daqueles sorrisos de comercial de pasta de dente.

Não. Não. Não. Devia ter outra explicação. *Tinha* que ter. Eles deviam estar completamente malucos se achavam que Fred pretendia pedir minha mão. Meu namorado não podia estar pensando em... Nunca sequer discutimos o assunto! Por que ele ia propor um absurdo desses? Quer dizer, estávamos juntos fazia pouco mais de um ano, e, sim, ele não tinha problemas em dizer o quanto me amava, mas casar?

— É claro que ele vai! — declarou Fabiola, irredutível. — Que outra razão ele teria para comprar um anel? De *três* quilates!

— Pode ser por uma infinidade de assuntos... — arrisquei.

— Por exemplo? — incentivou Dênis, aquele traidor.
Mordisquei a unha do polegar.

— Pode ser... pode ser... — Olhei de um para o outro, as engrenagens do meu cérebro diminuindo o ritmo a cada segundo.

Droga, qual era a dificuldade em pensar um único motivo que fosse?

Um imenso sorriso esticou a cara de Fabiola.

— Vou te dizer o que vai acontecer, Mel — anunciou. — O Fred vai te levar para o apartamento dele, te seduzir com champanhe, luz de velas e palavras doces, e amanhã de manhã você vai acordar com um anel do tamanho de uma maçaneta no dedo anular!

— Não vai acontecer. Ele não faria uma coisa dessas. — Abri a bolsa, procurando as chaves da agência.

Fred sabia o que eu pensava a respeito de casamento. Ele não estragaria nosso relacionamento com esse assunto, certo? Por que ele seria estúpido a ponto de querer casar? Ele não me amava mais?

Putá merda, o que eu diria a ele? “Sim” estava fora de cogitação. Eu não queria me casar com Fred. Isto é, não queria me casar com ninguém. Eu estava totalmente focada na carreira e na recuperação da minha mãe. Se — e era um gigantesco *se* — um dia eu pensasse em dividir a vida com alguém, seria depois que eu tivesse me estabilizado no mercado de eventos, e que mamãe ao menos se lembrasse do meu marido.

Além disso, Fred era um homem ponderado. Ele sempre conferia duas vezes se a camisinha estava bem encaixada, pelo amor de Deus! É claro que não ia se arriscar a pedir

minha mão sem sondar o terreno. Se ele tivesse a intenção, eu teria percebido, certo? Tinha ouvido centenas de histórias sobre pedidos de casamento e em nenhuma o noivo simplesmente lançava a bomba, assim do nada.

Evoquei a memória da última vez em que estivemos juntos... Como sempre, nos encontramos em seu apartamento, Fred pediu comida e comemos enquanto ele assistia a um programa de economia e eu tentava discretamente limpar com a ponta da meia o macarrão que deixei cair acidentalmente no sofá. Nem um pouco romântico.

Eu estava me deixando levar pelos meus amigos e pela mente fantasiosa e romântica de Fabiola, pensei ao entrar na agência e passar pela recepção alta em frente ao painel em preto e branco da silhueta de um casal apaixonado num cenário campestre. Não havia motivos para surtar.

Antes que eu pudesse atravessar o corredor de mesas perfiladas diante do gigantesco mural de pôsteres dos eventos mais bonitos que já produzimos e me esconder em minha sala, meus pés se colaram ao piso de madeira. Encarei sem ver a porta vermelho-berrante da sala da minha chefe, no fundo do andar, conforme a mensagem de Fred e sua insistência em me encontrar naquela noite explodiram em minha mente.

Ah, meu Deus!

— Não adianta fugir, Mel — Fabi insistiu, e eu me virei a tempo de vê-la fazer uma dancinha muito ridícula.

Ao mesmo tempo, Dênis jogou a mochila sobre sua mesa, as portas do elevador se abriram e André chegou ao

andar, mas minha melhor amiga não percebeu e continuou falando.

— Eu estava errada. Completamente equivocada. O Fred é o seu amor verdadeiro! Ele... — Seus olhos se arregalaram ainda mais. — DEUS DO CÉÉÉÉÉÉU! Melissa, a simpatia deu certo!

— O que deu certo? — André quis saber, mordendo um bolinho de chocolate, um saco de papel pardo na outra mão.

— A simpatia! — ela respondeu, ainda rebolando. — A Mel vai casar.

— Vou nada! — Eu a fuzilei.

É claro que a simpatia não tinha funcionado porcaria nenhuma. Coisas assim nem existem de verdade. Imagina se Fred — o sensato Fred — iria simplesmente perder o contato com a razão só porque eu piquei uma maçã e espetei cravos nela. Era tão ridículo quanto pensar que o horóscopo pode mudar a vida das pessoas que o leem. Além disso, Fred estivera na joalheria no dia anterior e eu tinha feito a coisa com a maçã só naquela manhã. Entretanto, era mais fácil tentar convencer Fabiola de que eu podia me transformar em um ornitorrinco a persuadi-la de que aquela ideia era uma grande bobagem.

— Vai sim! — Fabiola me ignorou, avançando para o saco de papel de André. — Ainda tem algum?

— A receita rendeu mais do que eu esperava. — Lambeu o dedo lambuzado de creme marrom, entregando o saco a ela. — Que simpatia foi essa?

Bom, não era exatamente uma surpresa que André parecesse tão interessado. O engenheiro elétrico que

lembrava vagamente o cantor Harry Stiles era o mais velho de nós na agência, e até onde eu sabia seu relacionamento mais longo fora com sua mochila. Eu até tive uma quedinha instantânea por ele logo que o conheci, mas a paixãoite desapareceu após cinco minutos de conversa, depois que ele me contou que seu cocô se parecera com uma Pokebola naquela manhã. André não fazia por mal, descobri em todos esses anos de convivência. Ele era um dos caras mais legais que eu conhecia, só não tinha filtro, um problema que se agravava sempre que ele ficava cara a cara com uma mulher bonita. Então, é claro que ele ouviu com bastante atenção uma ávida Fabiola discorrer sobre a simpatia.

— Não acredito que a simpatia funcionou e eu a passei pra você. — Excitada demais para dar atenção aos detalhes, ela mordeu um bolinho e não notou o nome da confeitaria na parte de baixo da forminha de papel. — Era para eu ter sido pedida em casamento. Em vez disso, estou me entupindo de calorias pra esquecer que terminei com o Alan.

André deu a ela um olhar de “De novo?”, ao passo que um palavrão foi proferido em alto e bom som na entrada. Gabriela, um pouco atrapalhada com a mochila e o copo de café, tropeçou em alguma coisa, e a bebida quente tingiu de marrom a frente da saia amarela.

Peguei alguns lenços da caixa sobre a mesa de Fabiola e fui acudi-la, mas ela deu um jeito antes, puxando um calhamaço de documentos do balcão na entrada e o pressionando na roupa.

Eu gemi. A garota de cabelo preto até a cintura ainda não tinha um cargo definido, como acontecera comigo cinco anos antes. Ela fazia de tudo um pouco, de recepção a cafezinho, e era pau pra toda obra durante os eventos. No entanto, ao contrário de Dênis, contratado quase na mesma época que Gabi e que absorvia tudo o que eu tentava transmitir, a garota vivia em seu próprio mundo e não via problemas em usar contratos como lençinho de papel.

Antes que eu pudesse pedir que ela parasse, meu celular vibrou dentro da bolsa, e pensei que fosse Tália com alguma notícia sobre a comida roubada. Mas era uma notificação do Instagram. Tudo bem, não era uma notificação qualquer; era um aviso de que Camila Bueno atualizara seu status.

Meu coração bateu mais rápido. Aquela poderia ser a *postagem* que eu andava esperando fazia tanto tempo.

Camila Salles de Castro Bueno era a única herdeira de Helena Castro Bueno, dona do Banco Bueno. Além de porta-voz do banco da família, a garota também era vice-presidente de uma empresa de tecnologia cujo nome eu nunca lembrava. Também era uma das mulheres mais influentes, estilosas e amadas do país. Em outras palavras, tudo de que eu precisava para convencer minha chefe a me promover. Se eu um dia organizasse um evento de alguém como Camila, minha carreira iria explodir, e, por consequência, também o meu saldo bancário. Outra cliente minha poderia conseguir esse feito, mas infelizmente Alicia Moraes de Bragança e Lima tinha optado por um casamento intimista e longe da mira da imprensa... Enfim, se eu tivesse

Camila, seria o mesmo que acertar os seis números da Mega-Sena, com todos os prêmios da história acumulados.

Eu a vira de relance no ano anterior. Ela era uma das convidadas de um casamento que produzi, mas a loucura da festa me manteve ocupada quase o tempo todo e, quando fui procurá-la para me apresentar, ela já havia ido embora. Mas eu ainda não desistira, e sonhava que Camila pudesse ser uma das minhas noivas um dia. Só havia um pequeno detalhe: Camila não tinha um namorado ou namorada, até onde a mídia sabia. Por isso eu a acompanhava no Instagram com a mesma ansiedade que contava os dias no calendário à espera das folgas, sempre na esperança de que sua próxima publicação mencionasse um novo amor. Porque, assim que ela mudasse seu status, eu iria atrás dela. Ah, se iria...

Tristemente, aquele não era meu dia de sorte, percebi, ao admirar a foto de Camila segurando uma caneca bojudá, refestelada no sofá branco da cobertura onde morava com a mãe, sobre a legenda "Recarregando as energias".

Tudo bem. Enfiei o celular no bolso. Quem sabe na próxima.

O sinal agudo do elevador anunciou a chegada de alguém. Dei um pulo, arrancando o pacote de muffins da mão de Fabiola e o escondendo atrás das costas, mas não fui rápida o suficiente. Nossa chefe entrou na agência batendo os saltos no piso de madeira, a bolsa fúcsia balançando ameaçadoramente no antebraço, os olhos absorvendo cada detalhe: os farelos ao redor da boca de Fabiola, a cobertura brilhante na bochecha de André, a mancha de café na saia de Gabriela.

— Melissa, na minha sala. Agora. — Sem esperar por uma resposta, seus quadris se requebraram em direção à porta vermelha.

Um pouco zonza, entreguei o saco pardo a Gabriela e segui minha chefe. *Ah, merda.* Ela ia me perguntar sobre o andamento do evento daquela noite e eu teria que dizer a verdade, porque Tália ainda não dera sinal de vida. Mas não era só a formatura da turma do colégio particular cuja mensalidade era equivalente a uma turmalina paraíba de cinco quilates que provocava um tremor na boca do meu estômago. Era a possibilidade de que minha grande chance passasse por mim de novo e acenasse, antes de seguir para o oceano de oportunidades perdidas.

A mulher de quase cinquenta anos, corpo mignon e guarda-roupa duvidoso, não era uma pessoa fácil de lidar, sobretudo nas manhãs de segundas e sextas-feiras, quando voltava de sua sessão de acupuntura (e eu coincidentemente sempre tinha algo superimportante para fazer em algum canto da cidade), e então disparava mensagens aleatoriamente, em Caps Lock, com tantos pontos de exclamação e interrogação que, juro, meu celular chegava a perder uma parte da bateria de tanto pavor. Esse foi um dos motivos pelos quais Eleonor — sócia e única produtora da Allure na história da agência — decidira pôr um fim à parceria de mais de dez anos e abrir sua própria agência, no começo do ano anterior, levando consigo metade dos funcionários e clientes, o que deixara Sônia desconfiada da própria sombra e com um humor parecido com o do Incrível Hulk.

Com a saída de Eleonor e só um terço dos funcionários, ficamos soterrados em trabalho, desempenhando tantas funções que eu mesma tinha de me esforçar para lembrar qual era meu cargo ali. “Assistente-geral”, diziam minha carteira de trabalho e meu contracheque, mas na prática eu assumira o posto de Eleonor, cuidando dos contratos, das equipes de apoio, fornecedores, prestadores de serviços, acompanhando o pré e o pós-festa... Não era justo eu assumir toda a responsabilidade e não ser remunerada por isso. Eu dava o meu melhor e só queria o que era meu por direito.

Pela cara de Sônia assim que coloquei os pés em sua sala, ela não me chamara ali para me promover. Mantive a postura ereta ao me aproximar de sua mesa, parando atrás de uma poltrona florida em tons de vermelho. Não me atrevi a sentar.

— Quem é o responsável por aquela bomba de calorias?
— ela perguntou, jogando a bolsa na mesa de madeira escura.

— O pessoal da construtora deu uma festa e deixou alguns bolinhos pra gente — inventei. Sônia não podia demitir um funcionário de outra empresa. Eu tinha quase certeza disso.

— Livre-se deles e alerte o pessoal do quarto andar de que eu sou intolerante a açúcar. — Puxou a cadeira de couro branca e se acomodou nela. — Quanto à aparência da equipe, se algum deles se atrever a comparecer em um evento da Allure naquele estado vai ser transformado em chaveiro, fui clara?

— Bastante.

Revirando a bolsa, puxou de lá de dentro a agenda, batucando as unhas pintadas de verde-berrante na capa de couro escura ao me examinar de cima a baixo.

— Tudo pronto para esta noite?

— Ah... sim. — Forjei um sorriso na base do desespero.

Não era mentira. Estava *realmente* tudo pronto. É claro que Tália não podia dizer o mesmo, mas Sônia não perguntara nada sobre a chef, certo?

— Excelente. Eu te chamei aqui porque temos uma possibilidade incrível diante de nós. Um artista plástico muito promissor pretende expor as suas obras na cidade...

— Ela me explicou sobre o tal João Pinot, um pintor que vivia em uma cidade mais ao sul e que prometia ser o Salvador Dalí de sua geração.

Eu me apressei em apanhar o bloquinho na bolsa e a caneta que Fred me dera no último Natal — chique, com cristais na tampa — e comecei a tomar notas.

— Pinot aceitou recebê-la no seu estúdio — concluiu. — Amanhã, às seis e meia da manhã. Você embarca esta noite. Prepare algo marcante e de bom gosto, que o convença a assinar com a Allure.

Anuí em concordância, rabiscando as informações na agenda. Então prestei atenção ao que havia escrito, mais especificamente à palavra “embarque”, grifada duas vezes.

Arqueei o pescoço para encarar minha chefe.

— Mas, Sônia, nós temos a formatura. Preciso ir para o salão daqui a uma hora. Iniciamos a montagem ontem, mas ainda há muito o que fazer.

— Tenho certeza que você vai conseguir preparar algo digno do bom nome desta agência.

Quando?, eu quis perguntar. Como eu poderia improvisar uma apresentação para o dia seguinte se passaria o dia todo no Terraço Blargio perdida entre tecidos e flores?

Abri a boca para dizer que eu não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, que deixar o pessoal na mão, num evento para quatrocentos convidados e cuja comida continuava desaparecida, para me dedicar a um novo projeto era impensável. Não havia a menor possibilidade de eu conseguir criar uma apresentação remotamente decente enquanto me equilibrava em uma escada para ajustar a cortina, ou tinha os braços repletos de pratos e talhares.

Entretanto, Sônia me enxotou de sua sala com um gesto de mão, colocando um ponto-final na conversa.

De sua mesa, Fabiola me viu parada diante da porta vermelha e arqueou a sobrancelha. Apenas abanei a cabeça e fui para minha sala, me embrenhando entre amostras de tecidos, pilhas de modelos de convites e todo tipo de sobra de decoração. Pretendia ligar para Tália e, sei lá, ter um ataque caso ela ainda não tivesse notícia da comida, mas meu telefone tocou antes.

— Estou pensando em fazer aquela polenta que você adora, Mel — minha mãe contou, empolgada, assim que atendi. — Quer aparecer para o jantar?

— Quem dera eu pudesse, mãe. — Suspirei, abrindo o arquivo de PowerPoint de um vernissage antigo para usar como base na apresentação de João. — Mas vou me encontrar com um cliente em outra cidade amanhã e viajo hoje à noite. Como está se sentindo? — perguntei, prendendo o fôlego, incapaz de frear a esperança.

— Bem. Ganhei uma folga hoje. A direção decidiu aproveitar o Dia dos Professores para dedetizar a escola. Nós tivemos uma infestação de formigas no prédio inteiro. Estou cuidando do jardim agora, e, sabe, aconteceu uma coisa curiosa.

— É mesmo?

— Sim. Eu tinha certeza que ontem os jacintos estavam floridos e exuberantes, mas hoje só encontrei botões ainda verdes. Será que eu sonhei que tinham desabrochado? Você sabe que eu fico ansiosa quando espero a floração e... — ela continuou me contando sobre as amadas flores, e eu me limitei a ouvi-la. Sua voz era o melhor som do mundo, mesmo que as palavras às vezes me ferissem.

Contudo, mesmo que eu tenha me conservado calada, respirando sem fazer barulho para não interromper seu raciocínio, alguma coisa deve tê-la distraído, pois ouvi vários estalos, e então seus passos se afastando.

— Mãe? — chamei. — Mãe, você está aí?

Esperei um minuto inteiro antes de desligar, assaltada pela costumeira sensação de desespero.

E ali estava a razão pela qual eu sonhava acordada com um casamento épico que atrairia as atenções da imprensa e da minha chefe para mim. Eu não desejava tanto ser promovida por causa de realização profissional — embora, é claro, pudesse ser legal demais —, mas o que realmente me interessava era o salário de produtora, quatro vezes maior que o meu atual. Aí eu não teria mais que passar as noites em claro preocupada em como conseguir dinheiro para bancar o tratamento da minha mãe sem ter que assaltar um banco.

Mamãe se envolvera em um grave acidente de carro, dois anos antes. Foram semanas de incerteza até ela sair do coma e eu poder respirar de novo. No entanto, poucos dias depois de ela acordar, percebemos que havia algo errado com seu cérebro. Papai costumava me consolar dizendo que ninguém enfrenta uma batalha com a morte sem sequelas. As marcas da minha mãe não eram visíveis, ficavam no hipocampo, a parte do cérebro responsável por armazenar memórias, mais especificamente o pedacinho onde as recentes eram processadas. Minha mãe se lembrava de absolutamente tudo até o dia do acidente. Depois disso, mais nada. Nenhuma nova lembrança se fixava em seu cérebro machucado. Ela conseguia acompanhar uma conversa, mas, se algo a distraísse — o vento, uma linha solta na roupa, o canto de um pássaro —, os últimos minutos se apagavam e ela se via perdida, sem compreender onde estava, com quem falava. Isso a deixava em pânico.

Descobrimos o problema na mesma semana em que meu pai foi demitido da fábrica de tecidos em que atuava como contador desde antes de eu nascer. Quando mamãe teve alta e voltou para casa, logo ficou claro que não era mais capaz de cuidar de si mesma. Nem de lecionar. De modo que, aos vinte e três anos, me vi como a chefe da família, com um salário que mal cobria minhas próprias despesas. Eu já perdera as contas de quantas vezes havia renegociado a fatura do cartão ou quantos empréstimos eu ainda precisava quitar. Mas eu não me importava. Não me importava que tivesse apenas cinco horas de sono por noite, que meu turno de trabalho durasse quinze horas. Desde que eu conseguisse cuidar dos meus pais, estava tudo bem

para mim. Havia pouca coisa nesse mundo que eu não faria por eles.

E foi com meus pais em mente que me endireitei na cadeira, inserindo o nome de João Pinot no Google na esperança de ter alguma iluminação de sua personalidade e assim criar algo que o agradasse. Depois iria para o salão e permaneceria no evento até a hora do embarque (“comprar passagens”, rabisquei no alto da agenda). Aproveitaria os cinquenta minutos de voo para dar os últimos retoques no projeto. E poderia continuar trabalhando madrugada adentro, assim que chegasse ao hotel...

Então, em meio ao gosto amargo que a possibilidade de falhar deixara em minha boca, percebi algo de suma importância: eu estaria em outra cidade naquela noite. Não conseguiria me encontrar com Fred. E, se eu não podia vê-lo, meu namorado não teria chance de me pedir em casamento!

Quer dizer, não que eu acreditasse que Fred tivesse mesmo a intenção de fazer isso. Devia haver uma boa explicação para o anel... Mas e se Fabiola tivesse razão? Eu não poderia dizer “sim” a ele. E recusar certamente teria consequências. Eu estava prestes a perder a única coisa normal em minha vida?

Encarei o gráfico azul e branco até a tela do computador se apagar e me perguntei qual era o meu problema. Por que eu não conseguia ficar feliz ao saber que meu namorado me amava a ponto de querer dividir o restante de sua vida comigo?

Pelo que eu estava esperando?



As rodinhas da pequena mala ronronavam contra o mármore do saguão enquanto eu corria para a área de embarque, o celular colado à orelha, tentando contatar Fabiola outra vez. Mas a chamada caiu na caixa postal depois de alguns toques. As dezoito mensagens que eu enviara pelo WhatsApp ainda não tinham sido entregues. O sinal no Terraço Blargio não era lá essas coisas.

Saco. Eu continuava preocupada com a formatura, mesmo que Tália, inacreditavelmente, tivesse tudo pronto quando deixei o Blargio e fui para casa apanhar a mala e alimentar Loki. Ainda assim, eu me sentia como se estivesse pulando do barco ao avistar o iceberg no horizonte.

Eu estava a poucos metros de um quiosque que vendia cadeados, e o celular tremeu em minha mão. Pensei que Fabi finalmente tinha conseguido sinal e retornava minhas ligações, mas não reconheci o número na tela.

— Melissa, oooooi — disse a moça, entusiasmada. — Meu nome é Camila. Consegui seu contato com uma amiga. Você cuidou do cerimonial da Bia, no ano passado. Não sei se vai se lembrar...

Como eu poderia esquecer? Eu flagrara o noivo de Bia fazendo um boquete no padrinho atrás da central de gás, nos fundos do salão do hotel Paradise. Não foi nenhuma surpresa a moça ter entrado com o pedido de divórcio apenas um mês após o casamento. Foi nessa festa que eu quase conheci Camila Bue...

Por pouco não deixei o telefone cair assim que o nome explodiu em minha mente.

— Camila Bueno? — perguntei, pressionando o aparelho contra a orelha com mais força e assegurando ao meu coração que não havia motivos para tanta comoção. Não podia ser ela. A mulher que poderia tornar meus sonhos realidade simplesmente não ligaria assim do nada. Esse tipo de coisa só acontece no cinema. Devia ser outra Camila.

Mas então ela respondeu:

— Sim, sou eu mesma! Não acredito que já ouviu falar de mim! Bem que a Bia disse que você é a melhor.

Se eu tinha ouvido falar dela?! Eu sabia que ela adorava tomar suco verde no café da manhã e fazia caminhadas matinais no parque perto de sua cobertura debaixo de chuva ou sol. Sua bolsa preferida era uma Chanel amarela. Mas quem ali stalkeava alguém?

— Foi por isso que eu te liguei. Eu acabei de ficar noiva — ela anunciou. — E quero você!

Ouvi um coro de anjos, as luzes fluorescentes ficaram mais brilhantes e a gasolina aeronáutica, mais perfumada. Estava acontecendo! A doce, linda, *it girl* podre de rica Camila Salles de Castro Bueno estava noiva. E me queria.

AIMEUDEEEEEEEUS!

— Estou tão animada! — confessou, gargalhando. — Nós vamos ter aproximadamente quinhentos convidados, e eu quero *tu-do*, Melissa. Luzes, flores, orquestra e um tapete vermelho. Quero arroz e carros com latinhas penduradas. Eu quero um casamento de conto de fadas igual ao da Bia! Mas que dure mais... — adicionou depressa.